

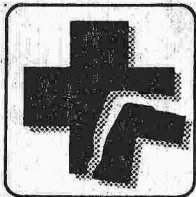
Clínicas de hemodiálise estão sob fiscalização

Ismar Ingber

■ Médicos constataam que unidades não mantêm dados atualizados de pacientes

LUCIANA NUNES LEAL

As clínicas de hemodiálise do Rio estão sendo submetidas desde março a uma rigorosa fiscalização. Em visitas surpresa, fiscais da Secretaria Estadual de Saúde checam os dados de cada paciente atendido, com o objetivo de detectar irregularidades, como falsas faturas. Já foram inspecionadas 15 clínicas, todas conveniadas ao Sistema Único de Saúde (SUS). Nos próximos dias, mais 10 estabelecimentos devem ser visitados. Além de identificar problemas, a fiscalização permitiu que os técnicos da secretaria traçassem um perfil dos doentes renais do Rio. Os resultados foram considerados surpreendentes.



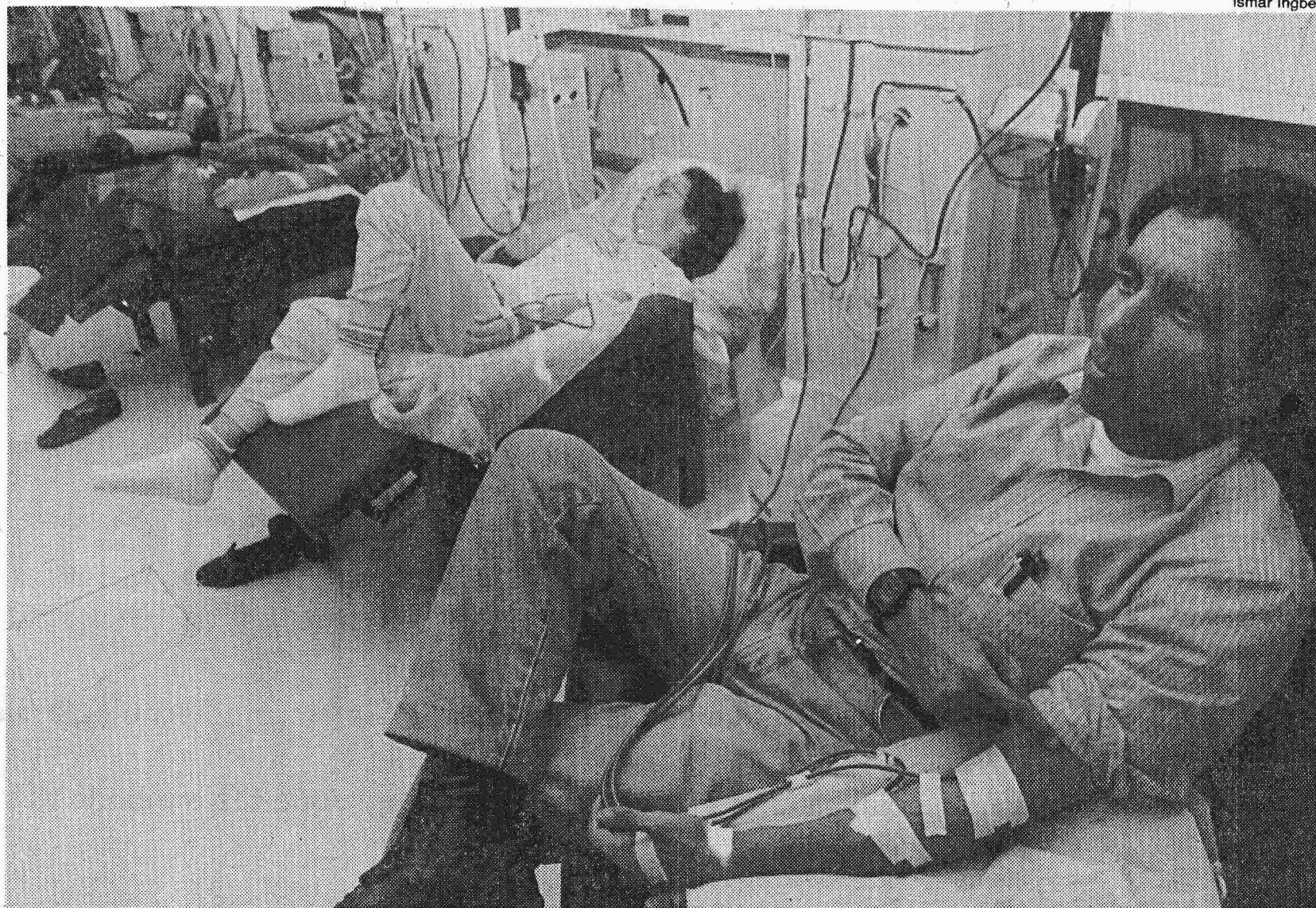
Dos 2.113 doentes renais da cidade, 950 (45%) têm entre 20 e 49 anos. “É uma média de idade muito baixa. Nos outros países os doentes renais só precisam de diálise bem mais tarde, depois dos 60 ou 70 anos”, diz nefrologista Sônia Ruth Christianiera, gerente de programas de hipertensão da secretaria e responsável pela fiscalização das hemodíalises. A capacidade de trabalho dos pacientes também foi considerada muito baixa. Apenas 23% têm atividade profissional regular, conforme a pesquisa. Quarenta e três por cento têm capacidade parcial de trabalhar. Estão incapacitados 9,8% e 17,4% recebem auxílios de seguros. O levantamento só não foi completo porque faltam informações sobre 7% dos pacientes.

“Como antes não havia nenhum tipo de fiscalização, as clínicas não se preocupavam em manter atualizados os dados dos pacientes. Quando começamos a pedir, recebemos várias informações que não faziam sentido”, diz Ana Ramalho, coordenadora de programas de doenças crônicas da secretaria. Ela dá um exemplo: a secretaria quis saber das clínicas quantos pacientes tinham possibi-

lidade de transplante de rim. Uma delas respondeu que 69% poderiam receber um novo rim; 25%, não poderiam; e 6% apareceram como “informação ignorada”. “Não é possível que uma clínica não saiba se seu paciente tem ou não condições de receber transplante”, diz Sônia Ruth Christianiera.

É na organização do banco de dados dos pacientes que são encontrados os maiores problemas. “Já mandamos de volta várias fichas incompletas. Recebemos dados até de uma paciente que já tinha morrido”, diz Ana Ramalho. Agora, o controle do pagamento pelo SUS será feito da seguinte maneira: as clínicas terão que mandar informações mensais sobre as diálises (processo de limpeza do sangue dos doentes renais) de cada paciente. Os dados serão cruzados com as faturas a serem pagas pelo Ministério da Saúde. Se houver alguma irregularidade, o pagamento equivalente àquele doente será suspenso, até que o erro seja esclarecido. O paciente, porém, continuará a ser atendido. Atualmente, por cada diálise as clínicas conveniadas ao SUS recebem R\$ 73,50. Mas o Ministério da Saúde já aprovou um aumento de 25% no preço, que passará a R\$ 91. O acréscimo, no entanto, não entrará na conta deste mês. Em geral, os pacientes fazem hemodiálise três vezes por semana.

Ana Ramalho diz que, até agora, nenhuma clínica foi fechada. “Encontramos problemas, mas nenhum que justificasse tal medida. Mandamos que fizessem obras, recomendamos treinamento para auxiliares de enfermagem e demos prazos para troca de alguns equipamentos”, diz. Diante das reclamações de que a verba do SUS é muito baixa, a coordenadora tem uma resposta: “Existem clínicas que, com o mesmo dinheiro, mantêm um ótimo padrão de atendimento”. O programa incluirá também vistorias em hospitais públicos que fazem hemodiálise, como o Pedro Ernresto e o Souza Aguiar.



Quarenta e cinco por cento dos pacientes renais do Rio têm entre 20 e 49 anos, dado que surpreendeu médicos que fiscalizam clínicas de diálise